

Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos e  
aponta-vos o ca-  
minho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
REDACÇÃO — Rua Guerra Junqueiro, 340 — Porto  
— (Toda a correspondência deve ser dirigida ao director) —

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da  
Rua de S. Bento da Victoria, 10  
PORTO

# Teologia Popular Israelita

Por A. BEN-ROSH

V

## A Velha Aliança

Nas alcantiladas serranias das Beiras e de Traz-os-Montes, onde numerosos descendentes dos mártires da horrída Inquisição se foram acoitar a fim de entre os asperos fragêdos, ocultamente, poderem praticar a sua fé no Deus Bendito de Israel, quando em aertos dias as nuvens se rasgam e fortes cordas de regna brotam delas, inundando a terra e formando torres que se despenham com fragor pelas ribanceiras, a vossa alma angustiada é atraída e encantada pela formosa visão dum grandioso e multicolor arco-íris, a que os cidadãos chamam arco-íris, e ao qual os habitantes dessas montanhas dão o nome de *Arco da Velha*. Se perguntardes a que velha se referem, todos vos responderão que se trata da *velha aliança*, da aliança de Deus com os homens.

Adonai creou o homem para ser feliz, deu-lhe o bem, a essência da felicidade, deu-lhe o coração para sentir, inteligência para compreender, razão para se determinar, mas nem coração, nem inteligência, nem razão lhe serviram para o bem.

O homem despresou o bem, preferiu o mal e o mal o conduziu ao sofrimento. Moisés, nosso Mestre, nos deu em nome de Deus Bendito:

— Olhai, ofereço-vos hoje a benção e a maldição. Deuteronomio 11,26).

— Vede, puz deante de ti, hoje a vida e o bem, a morte e o mal. (Deuteronomio 30,15).

— Tomo hoje para testemunho o ceu e a terra, que en puz deante de ti a vida e a morte, a benção e a maldição, escolhe a vida para que vivas, tu assim como a tua posteridade. (Deuteronomio 19).

— Na certeza que se te conduzires bem, te poderás elevar; mas se não te conduzires bem, o pecado está á tua porta. Tenta-te, mas podes vencê-lo. (Genesis 4,7).

O Talmud nos proclama:

Se o homem se quer tornar recto, Deus vem em

seu auxilio; se se quizer deshonrar Deus deixa-lhe o caminho aberto. (Talm. Ioma, fol. 38).

Rabbi Julien Weil, no seu livro *Judaisme*, nos diz:

— No principio da Biblia, a primeira lei, a interdição a Adam de provar da arvore da ciencia, postula a liberdade de obdecer ou desobedecer. Na outra extremidade da Thorah, o celebre «Tu escolherás a vida» (Deuteronomio, 30,19), adjuração geral, assim como os mandamentos particulares, positivos ou negativos do mosaismo, orientam bem a consciencia, mas reservam ao homem o sim ou o não da vontade livre.

... todo o desenvolvimento religioso de Israel, mesmo com a convicção que um Senhor supremo rege o destino dos povos e dos individuos, repousa sobre o sentimento profundo, inabalavel da sua auto-determinação, não só da sua própria responsabilidade nos seus desfalecimentos como tambem da sua aptidão para preparar para si proprio, com a ajuda de Deus, o seu futuro.

*Respeito e amor* é o que Deus exige do homem. Acontece que Deus o ajuda, pela sua graça, a adquiri-las, a lutar contra o instinto do mal e as suas perigosas seduções, mas nada suplanta o esforço pessoal.

O goso da liberdade explica todos os desfalecimentos, as estagnações ou as regressões. Torna possível, dum lado, o optimismo, ou a crença numa educação geral, a um progresso final da humanidade ordenada, dum reino de Deus neste mundo.

O homem livre tendo alguma coisa a dar a Deus, a sua obdiencia, que a si proprio pertence, *ajuda* Deus de certa maneira, tomando isso no sentido divino. Ele adquire mérito (Zekhut); expressão tomada algumas vezes um sentido terra a terra, muitas vezes tambem numa significação completamente desinteressada: ele participa na salvação do mundo, apressando

pela sua iniciativa a vinda da era messiânica. Assim a liberdade de escolha abre para o humilde barro animado pelo sopro do Altíssimo o acesso aos cimos do conhecimento e da moralidade.

Mas este privilegio da liberdade comporta riscos terríveis: o de pecar; de se afastar do caminho divino, de decair. Contudo, exceptuando um endurecimento na falta que acaba por obscurecer a consciência e encadear a liberdade, e fechar o caminho do arrependimento (Teshubah), este regresso é quasi sempre possível, e o Talmud lhe dirá: *Para aquele que se quer purificar, a ajuda lhe vem do Altíssimo.*

A doutrina judaica afirma claramente esta possibilidade de anular, pelo arrependimento, pela dôr, pela expiação, as consequências do pecado, a degradação que produz na alma do culpado.

Ha aqui, sob diversos aspectos, uma doutrina de perdão divino, da purificação divina concedida directamente e completamente ao esforço corajoso de arrependimento sincero da parte do pecador.

Ouçamos agora o que nos diz Moisés, nosso Mestre:

—Adonai viu que os malvados dos homens se multiplicavam sobre a terra, e que o produto dos pensamentos do seu coração era unicamente, constantemente mau; (Genesis VI,7).

E Adonai disse:—Apagarei o homem—que creei—de cima da face da terra (Genesis VI,7). Mas Noah encontrou graça aos olhos de Adonai.

Noah foi um homem justo, irrepreensível, entre os seus contemporaneos; ele conduzia-se em conformidade com Deus. (Genesis VI).

Ora a terra estava corrupta perante Deus, e ela tinha-se enchido de iniquidade. Deus considerou que a terra estava corrupta, toda a creatura tinha pervertido o seu caminho sobre a terra (Genesis VI).

E eu, vou trazer sobre a terra o Dilúvio—as aguas—para destruir toda a carne animada dum sopro de vida debaixo dos ceus; tudo o que habita a terra perecerá. Eu estabelecerei o meu pacto contigo; (Genesis VI).

Deus abençoou Noah e seus filhos.

Deus dirigiu a Noah e a seus filhos estas palavras:

•E eu, quero estabelecer a minha aliança comvosco e com a posteridade que vos seguirá.

Eu confirmarei a minha aliança comvosco: nenhuma carne, doravante, perecerá pelas aguas do dilúvio; nenhum dilúvio doravante, desolará a terra. (Genesis IX).

Deus acrescentou: isto é o sinal da aliança que estabeleço; por uma duração perpetua, entre mim e vós.

Coloquei o meu arco na nuvem e ele tornar-se-ha um sinal de aliança entre mim e a terra.

Para futuro quando acumular nuvens sobre a terra e que o arco apareça na nuvem, lembrar-me-hei da minha aliança: e as aguas não se tornarão mais um dilúvio, aniquilando todas as creaturas.

Rabbi Julien Weil, acerca desta aliança, nos diz:

—Uma primeira *aliança* elementar é a que agrupa os filhos de Noah. Noah é o *justo* que escapa á destruição do genero humano.

O mundo inorganico pode substituir, mas a vida animada pelo sopro divino, não é possível senão se ha do lado da creatura um esforço de escolha moral, uma resistencia ao mal, uma vitória sobre a iniquidade, a barbaria, a violencia, o odio, a sensualidade cega. Israel deve reconhecer por irmão e trata-lo como a

si proprio aquele que, nos *70 povos*, respeitar o código humano primordial, os preceitos da lei *Noahita* e não fóra da fraternidade senão aquele que se põe fóra desta lei. »

O Noahismo não tem uma lei escrita, mas tem uma lei oral, cujos preceitos ressaltam facilmente do Genesis nas determinações da aliança com Noah e toda a descendencia (a Humanidade), esses mandamentos são os seguintes:

- 1.º—Não adorar idolos e reconhecer a existencia de Deus Todo-Poderoso.
- 2.º—Não blasfemar ou afrontar o Nome de Deus.
- 3.º—Não matar ninguém.
- 4.º—Não furtar au defraudar.
- 5.º—Não adulterar.
- 6.º—Não ser cruel para com os animais.
- 7.º—Nomear juizes, distribuir justiça e promover a paz.

A aliança solene de Deus com Noah e a sua descendencia é lembrada por *Isaiás* (LIV,9); é uma aliança sancionada pelo juramento divino com o arco-iris como penhor de perpetuidade. Até nas ultimas páginas dos profetas, Noah é com Daniel e Job um dos três justos citados como exemplo.

Todos os gentios (goim) que aceitarem e praticarem os mandamentos de Noah serão justos e, segundo o ensinamento dos nossos doutores, os justos de todas as nações participarão do mundo futuro.

# Israel vingado

## CAPITULO III

(Continuação do n.º 43)

Onde se refutam as explicações dos Comentadores cristãos sobre as Profecias alegadas.

Quando a vontade se obstina a refutar a verdade, importa pouco que o intendmento seja disso convencido. Todas as razões boas ou más são confundidas; a imaginação cheia dum erro que a educação, o habito e o interesse estabeleceram, não se ocupa senão deste pensamento, e os raciocinios melhor fundados, e as provas mais demonstrativas não podem causar impressão sobre ela, nem dissipar as nuvens que lhe escondem a verdade. Parece a principio impossível que a promessa de Deus expressa na lei, annunciada pelos Profetas em termos tão claros e tão evidentes, não baste para convencer os cristãos que estão em erro, e que os filhos de Israel que perseveraram com uma constância surpreendente na observação da lei e dos Profetas, seguiram o verdadeiro caminho e merecem só o efeito das promessas do Senhor. Mas como a vontade se opõe a esta verdade, o intendmento não saberá agir, êle abandona-se ás impressões que recebe desta vontade corrompida, e deixa-se arrastar por sofismas mais subtis que solidos para as ideias de que está de principio eivado.

Como se pode acreditar que o Messias que os cristãos adoram, tenha cumprido as Profecias e os faça gosar desta miraculosa redenção? Estão todavia tão

fortemente persuadidos que se não dão ao cuidado de refutar as nessas razões por outras mais convincentes. Contentam-se em sofisma-las e repousam sobre o que fazem os mais fortes e a sua religião a dominante muito felizes ainda que nos permitem seguir a nossa e além disso por uma graça especial, nos permitem algumas vezes mostrar-lhes que é com justiça que nós esperavamos o fim da nossa escravidão, das nossas penas e da nossa miseria. Vários Padres da Igreja não podendo convencer-nos, porque não ousam negar a verdade de tantas Profecias, dizem que é verdadeiro que os filhos de Israel deverão gosar de todos os bens que aí vão anunciados, mas que pela sua obstinação de não acreditar na vinda do Messias, e pela morte que lhe fizeram sofrer, perderam para sempre a graça do Senhor e são condenados a expiar por castigos um crime tão grande. Não é isto sofismar e não responder ás provas convincentes que se lhe faz para por assim dizer tocar com os dedos? A promessa de Deus é absoluta, sem nenhuma clausula ou condição qualquer. Os pecados de Israel são punidos por toda a parte de castigos e por um tão longo cativeiro, que sem a sua confiança na misericórdia de Deus e sem a certeza que hade tem absolutamente de entrar de novo no agrado d'êlê, todo este povo seria já confundido entre as nações onde esteve disperso, e teria abraçado a religião como as meniús. A circuncisão dos corações deve produzir o amor de Deus para omnosco e o temor que nós temos de o ofender afastando-nos dos seus divinos mandamentos, inspira esta firmeza e esta constância em os seguir perpetuamente. Não é por nós mesmos que o Senhor executará as suas promessas, é para a gloria do seu santo nome; é pois inutil de dizer que se nós tivéssemos querido hereditar no Messias que êles adoram nós gosáramos bens anunciados pela sua vinda. Esta condição tão necessária para criar fé teria sido estipulado expressamente pelos Profetas: era para os filhos de Israel que êles davam estes divinos oráculos; é para êles o Messias deve vir, e êles só não o tem podido nem querido reconhecer porque êle não tinha nenhum dos sinais que devia ter. Estranha obstinação para melhor dizer maravilhoso efeito da Providência divina que conservou Israel na pureza dos seus sentimentos sem que os oprobrios a que tem sido exposto, e todas as calamidades que sofre, tenham podido afastá-lo do culto do seu Deus! Não ha um só ponto em todo o Pentateuco onde se fale do Messias, e eu desafio o mais sábio de todos os Doutores cristãos de me fazer ver que Deus, para resgatar os filhos de Israel, disse que êles deviam adorar o Messias: era mesmo impossível, para assim dizer, que o Senhor lhes impuzesse esta condição, pois que lhes tinha prometido que os encheria eternamente do seu amor e da sua graça, antes de fazer-lhes anunciar pelos Profetas a vinda do Messias, como podiam eles gosar destas grandes vantagens depois de ter cometido um crime tão grande como aquele de lhe ter feito sofrer a morte? Em lugar de reconhecer e de se humilhar deante d'êlê a tratá-lo com tanta indignidade e desprezo; era querer perder para sempre tantos beneficios e felicidades que êle veio anunciar-lhes.

Mas que apparencia ha que Deus tenha permitido que o seu povo seja manchado por uma tão execranda malvadez? E se apesar da sua vontade veio a executar-la, era infalivelmente assegurado da sua ruina total. O Profeta Esequiel afirma bem positivamente o contrário. Eu vos darei, diz êle, «um coração novo;

eu vos farei observar os meus preceitos e os meus mandamentos, e eu vos livrarei de todas as vossas impurezas. Eu lançarei sobre vós águas lustras que vos lavarão de todos os vossos pecados.» Como pode verificar-se esta purificação que o Profeta nos prediz? Este sincero arrependimento, esta penitencia de Israel é compativel com o suplicio infame ao qual êle condenou o seu redentor e o seu Messias? Mas muitas vezes, como podia êle faze-lo morrer se o Senhor diz expressamente o contrário pela boca do Profeta Jeremias. «Porque naquele tempo, diz o Senhor, eu vos tirei do pescoço o jugo dos vossos inimigos e eu o quebrarei, partirei as vossas cadeias e os estrangeiros não vos dominarão mais, mas aqueles que existirem então senão o Senhor e David seu Rei que eu lhes suscitarei.»

Se pois os filhos de Israel devem servir o seu Deus, se devem obedecer ao seu Rei, ao seu Messias filho de David, que razões teriam eles tido de ser infiéis ao seu Deus? Que obediencia teriam êles mostrado ao seu Messias fazendo-o morrer? As suas acções são absolutamente contraditórias a esta Profecia pelo menos que se não quere dizer que Deus exigia d'êles esta morte abominavel como uma prova indubitavel do seu zelo.

Os Doutores cristãos ficarão ainda bem mais embaraçados em acomodar à sua doutrina a Profecia de Oséas quando êle descreve o cativeiro, a redenção e a obediencia ao Senhor e ao seu Messias, Os filhos de Israel, diz êle, estarão alguns dias sem Rei, sem Senhor e sem sacrificio, sem morada estável sem Ephod e sem theráfin. Mas depois disto os filhos de Israel voltarão e procurarão o Eterno seu Deus e David seu Rei, e nos ultimos dias êles receberão com um temor respeitoso o Senhor e as suas graças que êle lhes deve fazer.

A resposta que se faz a uma objecção tão clara é curiosa e merece ser referida. Israel, diz-se, em lugar de procurar o seu Deus e o seu Rei, evitou-o, fugiu-lhe, ofendeu um pela rebelião, e o outro por uma acção sacrilega. Se isto é verdade, o Profeta é infelizmente enganado. Para verificar uma opinião tão absurda e tao fortemente distanciado do bom senso e da verdade, deve dizer: «e em seguida os filhos de Israel fugirão do seu Deus como criminosos de lesa magestade divina e farão morrer David seu Rei.» Não é pelo terror de que fala o Profeta, que êles devem receber a graça de Deus nos ultimos dias, mas uma desobediencia, por uma falta de respeito que é completamente oposta ao que o Profeta anuncia. Numa palavra é sómente depois de uma longa e austera penitencia que os filhos de Israel entrarão novamente na graça do Senhor, que verá o seu coração inteiramente submetido á sua vontade e que esta redenção deve cumprir-se. Donde pode racionalmente inferir-se que praticaram o mais tremendo de todos os crimes no momento em que devem gosar da mais perfeita felicidade? A aliança que o Senhor com seus pais contraiu de proteger a posteridade d'êles é ainda um obstaculo á condição que o cristianismo quer pôr á promessa que Deus faz de os restabelecer e de os resgatar.

Os Doutores modernos nada podem opôr de seguro a verdades tão claras. Eles confessam que tudo o que Deus prometeu aos filhos de Israel na lei e nos Profetas deve cumprir-se no fim do mundo no momento do ultimo julgamento, que êles então converterão e renunciarão a esta incredulidade obstinada que

teem defendido com tanta pertinacia, que abraçarão a religião cristã, que entrarão no seio da Igreja e lamentarão amargamente o crime que praticaram fazendo morrer o seu redentor e seu salvador e que esta confissão solene está expressa no trezessimo terceiro capitulo de Isaias.

Este raciocinio não é propriamente falando mais que um expediente e um vão subterfugio para iludir a verdade de que estão convencidos interiormente, porque não ha um só ponto em todos os Profetas que separa o momento da vinda do Messias do da redenção. Um e outro devem chegar no mesmo instante com esta differença que Deus afirma que elle reunirá primeiramente os filhos de Israel de entre todas as nações, que os conduzirá á herança de seus pais, que os santificará e fará muitos milagres em seu favor e em seguida lhes dará para Rei, para Pastor e para Juiz o filho de David. Assim a distancia do tempo marcado é para nos ensinar que a redenção será cumprida quando o Messias chegar. O que destroi por completo o raciocinio dos Doutores modernos, a não ser que queiram seguir a seita dos milenários que sustentam que o Messias já veio e posto á morte pelos filhos de Israel voltará ao fim de muitos séculos para subir ao Trono de David e os governar corporalmente. Era inteiramente inutil retirar os filhos de Israel de entre as nações para os tornar cristãos, e reuni-los todos na herança de seus pais, nessa terra santa que lhes era reservada; é apenas entre os povos que abraçaram o Cristianismo que podem converter-se; que aparência ha que depois de ter sofrido tantos tormentos, depois de ter gemido por tanto tempo sob o jugo dum tão duro cativo para nao se afastar dos mandamentos do seu Deus, depois de ter vivido, digo eu, durante tantos séculos no opróbio das nações, e depois de ter exposto a sua vida com uma firmeza inquebrantavel para servir apenas o Deus que seus pais tinham conhecido, elles o abandonem quando tiverem a liberdade de o adorar, que paguem com a mais negra ingratição tantas honras e tantos beneficios com que elle os locupleta, que elles lancem com desprezo a graça que lhes concede com tanta bondade? Enfim se naquele tempo os filhos de Israel devem seguir a mesma religião que professam as outras nações, se elles deym obedecer ao mesmo Rei, como é que as profecias que lhes asseguram dominar sobre todas as nações podem cumprir-se? Ha uma grande distancia entre dominar e obedecer e a sua sorte não mudaria quando muito no que elles estariam afastados do caminho direito para tomar um outro completamente oposto á vontade de Deus que lhes assegura que no tempo feliz em que a sua redenção se cumprir, as nações sentirão o efeito da sua colera porque injustamente perseguiram Israel, e é isto que lhes promete Isaias. Desperta-vos, levantai-vos Jerusalem que tendes bebido da mão do Senhor a taça da sua colera, que tendes bebido o sedimento do vaso de veneno; uma dupla aflicção vai cair sobre vós; quem se compadecera da vossa dor, a ruina e a desolação, a fome e a espada vão-vos exterminar; quem vos consolara de tantos males? Escutai pois agora, pobre, embriagado de males e não de vinho, eis o que diz vosso Senhor e vosso Deus que combaterá pelo seu povo. Eu vou tirar-vos da mão esta taça de veneno de que tendes bebido a minha indignação até ás feses. Não a bebereis mais no futuro, mas põ-la-ei na mão daqueles que vos teem atugido e que tem dito a vossa alma; prosta-te affim de que nos passemos, e tendes tornado o vosso corpo como um torrão que se pisa aos

pés e como o caminho dos passeantes. O Profeta Jeremias prediz quasi as mesmas coisas, Eu não o destruirei mas castiga-lo-ei. Os Doutores cristãos não podem pois alegar qualquer razão que prove que o Messias resgatou já os filhos de Israel, e que os possa persuadir que no fim do mundo elles abraçarão a religião cristã. Eles bebem esperando o dia bem feliz, a taça da amargura, elles são oprimidos pelas nações, e o primeiro efeito que experimentam da promessa de Deus faz-lhes esperar o segundo com uma esperança certa que não lhes faltará.

Dr. Orobio de Castro

judéo bragançano do século XVII

• • •

## Dois rabinos condecorados pelo Papa

Após o congresso eucarístico de Cartago, o Papa concedeu a condecoração de cavaleiros da primeira classe a Rabbi Joseph Guez, Rabbi-mór da Tunisia e a Rabbi Jacob Bocarah, Rabbi da comunidade livornesa. A entrega solene das insignias realizou-se no dia 14 de Setembro no arcebispado.

Extraímos do *Depêche Tunisienne* um relato da cerimonia:

—S. G. Monsenhor Lemaitre, cercado de N. N. S. S. Gourlote e Bedu, vigarios gerais, dos vabades Descroix, deão de Sfax, Bazin, director da *La Tunisie Catholique*, e Labbe, secretario do Arcebispado, acolheu affectuosamente os dois veneraveis prelados israelitas, que eram acompanhados por Snr. Victor Slamá, presidente interino da Comunidade Israelita de Tunis; Snrs. Raymond Valensi, presidente da Comunidade do rito português; Simon Trinsit, Samuel da Paz, Rau Darmon e Henry Hanzy.

Dirigindo-se aos dois eminentes auciãos (Rabbi Guez tem 78 anos e Rabbi Bocarah festejou ultimamente o seu 91 anniversário), cujos nomes são sinónimos de sciência, sabedoria e de bondade não só na Tunisia, mas em toda a Africa do Norte e em muitas comunidades longinquoas, S. G. o Arcebispo de Cartago disse-lhes a grande alegria que tinha em lhes entregar, em nome de S. S. Pio XI, a alta distincção pontificia que acabava de lhes ser concedida em recompensa pela sua colaboração espontânea ao Comité de patronagem do Congresso Eucarístico de Cartago.

O Soberano Pontificie, que foi informado destas marcas de alta solidariedade espiritual, ficou muito sensibilizado e resolveu exprimir-lhes a sua viva satisfação admitindo-os na ordem de Pio IX.

S. G. Monsenhor Lemaitre entregou então aos dois prelados israelitas a medalha em forma de estrêla de 8 pontas de *vermeil* e ouro, assim como as cartas manuscritas instalando-os na sua nova dignidade.

O Snr. Slamá agradeceu ao Arcebispo em nome da Comunidade de Tunis e pediu ao Snr. R. Valensi para falar como interprete de toda a população israelita. O presidente da Comunidade portuguesa, em algumas palavras eloquentes nas quais pôz o melhor do seu espirito e do seu coração, considerou-se feliz por sublinhar a magestade dum momento que uniu sob o signo religioso num semelhante sentimento de concórdia e amor os dignitários da Igreja católica de Africa e dos dois ritos Israelitas da Tunisia. Um idêntico pensamento os guia, extrahido da Lei do Sinai e dos Evangelhos.

—A paz das almas! Ao cumprimento desta missão sagrada que êles querem proseguir de acordo, S. G. Monsenhor Lemaitre, digno continuador do illustre Cardial Lavigerie, traz uma nobrêsa de caracter e uma tenacidade que fazem a admiração de todos os que são tomados de justiça e caridade.

Rabbi Josef Guez e Rabbi Jacob Bocaráh expressam por sua vez a Monsenhor Lemaitre os seus sentimentos de profunda gratidão por um gesto que honra toda a colectividade judaica. Eles lhe pedem para receber os seus sinceros agradecimentos e de os transmitir a S. S. Pio XI a expressão dos seus deferentes reconhecimentos.

Monsenhor Lemaitre, comovido, dá um longo e caloroso aperto de mão aos dois Rabbis-môres.

«Para bem servir a Deus, diz ele, devemos elevar as nossas almas até Ele.

Que os católicos da cidade de Pinhel vejam o procedimento dêstes príncipes da Igreja católica e o comparem com o procedimento de certo indivíduo, mais papista que o Papa, que em certas reuniões diz mal de judaísmo, religião mãe das suas crenças, e entretem-se a fazer a difusão dum opusculo de chantage «os crimes da Franc-maçõnaria judaica.»

Que diferença! Que diferença!



## Um sermão sôbre o Shophar

No dia de Rosh Ha-shanah (Ano Novo) na Sinagoga Portuguesa da rua Buffault, em Paris, o Senhor Rabbi Matthieu Wolf produziu um interessante sermão sôbre o toque do Shophar, que para conhecimento dos nossos leitores, vamos transcrever.

M. le rabbin Mathieu Wolff avait pris pour texte de son sermon ces paroles du rituel: «Béni soit l'Eternel, notre Dieu, roi de l'Univers, qui nous a sanctifiés par ses commandements et nous a ordonné d'entendre—c'est-à-dire de comprendre—la voix du *Chofar*, «les notes haletantes», les *tequioth*, «les notes brisées», les *chebarim*, «les trilles éclatants et joyeux», les *terouoth*. Heureux le peuple qui saisit la portée de cette sonnerie, il marche «dans la lumière de l'Eternel!» Les trompettes sacrées qui, depuis des milliers d'années, sonnent l'éternel garde-à-vous aux oreilles d'Israël semblent évoquer, traduire, avec une plénitude impressionnante, tous les mouvements de l'âme juive ses inquiétudes, ses douleurs et ses espérances. Depuis des siècles et des siècles, elle claironne éperdument, comme la trompette de la sentinelle vigilante; elle égrène ses notes, tantôt allégres, tantôt stridentes, réveille dans les cœurs israélites l'écho du passé, les avertit du danger de l'heure présente, les soutient et les console par les riantes promesses de l'avenir. L'orateur, passant rapidement en revue la tragique et merveilleuse histoire d'Israël, la compare à une immense *Tequia* qui s'élève vers le ciel, à une clameur plaintive, ininterrompue:

La *tequia*, que l'on peut qualifier de politique annonçant l'ennemi du dehors, se double d'une autre *Tequia*, de celle qui ébranle les âmes en défaillance morale et signale l'ennemi intérieur, de celle dont

Moïse eut à user lorsqu'il mit Israël en garde contre le vertige qui s'emparait du peuple chaque fois qu'il devenait libre et heureux.

Les *chevarim*, les notes brisées, expriment les soupirs de tous les cœurs affaissés sous le poids de l'injustice et du malheur, dont parle le psalmiste. Les souffrances intimes des âmes en proie au dont et au désespoir, des consciences blesées par le spectacle de l'impunité, des cœurs accablés par le deuil, sont peut-être plus cruelles, plus intolérables que les douleurs provoquées par la malveillance des hommes ou l'hostilité des choses.

Mais le *teroua*, le trille d'allégresse, ne tarde pas à succéder à la sonnerie d'alarme, à la *tequia* et aux *chebarim*, aux notes hachées par les saignots. Après avoir menacé, réprimandé, condamné, le prophétisme biblique et tous les organes du judaïsme apaisent, consolent, réconfortent et, s'élançant sur les ailes de la foi, soulèvent le voile de l'avenir et se délectent dans les radieuses visions des cités futures de paix, de droit et d'amour. «Heureux le peuple, certes, qui entend et saisit le langage du *Chofar*», qui ne l'écoute pas seulement avec ses oreilles de chair, mais avec l'ouïe de son âme, «celui-là marchera dans la lumière de l'Eternel!»

Ce sermon a produit une forte impression sur l'auditoire très attentif et très recueilli.



## Sous le Charme du Portugal,

par Mme Lily JEAN-JAVAL

(Plon, éditeur)

Est-ce parce que les voyages sont devenus plus faciles, plus accessibles—en attendant que l'on puisse selon la prophétie de Paul Morand, faire le tour du monde à 80 francs—mais jamais comme depuis une dizaine d'années, on n'a tant voyagé, jamais les gens de lettres, «vagabonds errants», n'ont écrit tant de récits de voyage à l'intention des «vagabonds assis». Nos femmes de lettres qui, sauf quelques exceptions, ne sont cantonnées dans la littérature plus spécialement, romanesque, en y apportant parfois une note sinon judicieuse, du moins très personnelle de la sensibilité féminine, nous ont également donné, ces temps derniers, des récits de voyage séduisants et pittoresques. Ce trait est un symptôme assez caractéristique de cet effort de virilisation, si je puis m'exprimer ainsi, de la littérature féminine d'aujourd'hui et je ne crois pas me tromper en pensant que Mme Lily Jean-Javal a participé à cette évolution en publiant, après «Vers le Soleil de Minuit», récit de son voyage en Finland, paru il y a quelques années, «Sous le charme du Portugal» (visages et paysages) qu'elle vient de nous donner.

Nos auteurs de récits, en voyageant dans ce monde connu, cherchent, et parfois—tel L. F. Rouquette—réussissent à découvrir des paysages inconnus. D'autres s'en vont vers les pays classiques des voyages—l'Italie, l'Espagne, l'Afrique du Nord, l'Orient—chercher dans des décors extraordinaires des sensations

rare ou des images nouvelles; mais la plupart des écrivains voyagent surtout pour le plaisir de voir des contrées pittoresques et celui d'en parler.

Ce qui a attiré Mme Lily Jean-Javal vers le Portugal, c'est surtout le désir de connaître les Maranes et son récit pourrait bien porter en sous-titre: *A la recherche des Maranes*, tire du premier chapitre, le plus importante, de son récit et qui lui donne tout sa signification et tout son caractère de pèlerinage spirituel.

Mais en artiste, animée de cette curiosité qui préside à toute connaissance nouvelle, à la découverte des êtres, plus passionnée encore que celle des choses, l'auteur n'est pas restée indifférente au charme pittoresque d'un pays si riche en paysages magnifiques et à la séduction de ses œuvres d'art. Mme Lily Jean-Javal nous fait de son voyage un récit alert et vivant, dont la tournure familière rappelle à l'esprit le vers du fabuliste. Elle se défend des descriptions somptueuses, de l'enthousiasme romantique et c'est avec des touches sobres et discrètes qu'elle croque ce qu'elle a vu «à l'ombre de l'université» (de Coïmbre), «du Tage à la Guadiana» et à Lisbonne, la ville des «Senharas et Varinas» (dames et pêcheuses), «Jardin de l'Europe planté au bord de la mer», comme chantait Ribeiro. Elle s'attendrit à l'atmosphère de mélancolie et de rêverie qui baigne le Douro. Les couchers de soleil la font songer: «Tous les rêves de gloire du Portugal sont contenus dans ce ciel d'or, toutes les découvertes de terres inconnues semblent promises par ces collines irradiées d'une lumière mystérieuse».

Qu'il s'agisse des paysages, des gens ou des choses, elle s'efforce de les pénétrer avec une curiosité, une sympathie, tantôt enthousiastes, tantôt mélancoliques ou rêveuses. Mme Lily Jean-Javal avait bien raison de noter qu'en littérature les mots ne suffisent pas, mais qu'on écrit surtout avec son âme. Et son âme, prête à ramener toutes choses à Israël, est continuellement obsédée, au milieu de la splendeur portugaise, de toutes les souffrances juives auxquelles paysages et monuments furent associés dans ce pays tout vibrant des souvenirs de l'Inquisition. «Que d'hymnes d'espoir mêlés de lamentations ont jailli dans l'étroitesse de ces ruines et se sont répandues par delà le fleuve d'or et les collines riantes! Et l'on comprend que les pages les plus émues et les plus ferventes soient celles que notre auteur consacre aux Maranes.

Les Maranes, ce sont les descendants de ces Juifs qui, au Portugal, furent contraints au baptême en 1496 et qui, tout en faisant extérieurement partie de l'Eglise catholique, continuèrent néanmoins à pratiquer dans l'ombre «leur chère hérésie» et à observer clandestinement certains rites de la religion juive. Jusqu'à ces dernières années, le maranisme resta caché aux regards du monde et son existence fut une véritable révélation. Le désir manifesté par plusieurs Maranes de retourner au judaïsme montre à nouveau la force du sentiment juif et ajouta un nouveau chapitre saisissant à l'histoire tragique du judaïsme ibérique. «Le maranisme me captivait», écrit Mme Lily Jean-Javal, «comme un double mystère psychologique: revanche de la conscience violée, persistance de la flamme sémitique à travers plus de quatre cents ans».

Le chef, l'animateur de ce mouvement est le capitaine Arthur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben Rosh). Officier pendant la guerre dans l'armée portugaise, il fut plusieurs fois décoré en reconnaissance de ses services sur le front français. Il était en-

core récemment directeur des prisons militaires d'Oporto. Mme Lily Jean-Javal burine le portrait de cet apôtre dont «l'âme est aussi combative qu'une épée, mais dont le regard s'attendrit dès qu'il se pose sur un enfant». «Celui qui réveille l'âme endormie d'Israël au Portugal» accomplit sa mission comme un véritable sacerdoce. Inlassablement, par la parole comme prédicateur, conseiller ou éducateur; par la plume, en publiant son journal «Halapid», ou des ouvrages sur le judaïsme, il poursuit méthodiquement l'organisation de ces petites communautés disséminées dans les hameaux montagnards de la province des Trastos-Montes. Le capitaine Barros Basto ne fait pas de prosélytisme juif: comme il le dit lui-même, il «cherche à guider ceux qui, tâtonnant dans l'ombre et la crainte, essaient de revenir à la foi de nos pères».

Quelle est l'importance de ce mouvement, quels en sont les résultats? Il est impossible, à l'heure actuelle, de les déterminer. Selon les uns, les Maranes seraient dans la province seule de Trastos-Montes, au nombre de plus de 10.000. Mais la difficulté de la tâche du capitaine Barros Basto est accrue par suite de la crainte séculaire des maranes qui, malgré la liberté de conscience qui existe au Portugal, disent encore aujourd'hui dans leur oraison quotidienne: «Comme tu as sauvé Daniel dans la fosse au lions, sauve-nous aussi de la torture et de l'Inquisition, nous tes fidèles serviteurs».

Mais il ne faudrait pas supposer que cette méfiance diminue en quoi que ce soit la ferveur et l'intensité de la vie spirituelle des Maranes qui ne peuvent se décider à rompre avec leurs habitudes séculaires. Rien ne peut donner une idée plus forte de cette foi si juive dans la supériorité de l'esprit sur la matière que ce passage de l'oraison quotidienne des maranes: «Que le riche ne se vante pas de sa richesse, ni le sage de sa sagesse, ni le fort de sa force, car rien de tout cela n'a aucune valeur. Nous pouvons seulement nous louer des bonnes actions que nous accomplissons dans ce monde». Quel que soit l'avenir du mouvement, il est indubitable que ce «revival», cette persistance chez les maranes, avec une telle intensité, de certaines traditions et certains enseignements juifs vient attester, pour ceux qui pourraient encore en douter, la vitalité du judaïsme et sa pérennité, à travers toutes les persécutions, malgré toutes les défections.

Bernard Lemaître

De «l'Univers Israelite».

• • •

## Obra do Resgate

No dia 11 de Outubro proximo passado, na cidade de Pinhel, reuniram varios cripto judeus e resolveram fundar a Comunidade Israelita de Pinhel a fim de abertamente praticarem o culto da religião dos seus antepassados.

Elegeram a sua primeira junta organisa-dora composta dos seguintes srs.: Presidente, Serafim Cardoso de Almeida; secre-

tarios, Alfredo Tomé e Alvaro da Silva Pereira; tesoureiro, Antonio dos Santos Silva.

Resolveram estabelecer uma sinagoga a qual terá o nome Sliaré Orah (Portas da Luz).

Do Porto foi enviado algum mobtliario para a sinagoga de Pinhel.

No dia 17 de Novembro chegou ao Porto o sr. Serafim Cardoso de Almeida, acompanhado pelo sr. Antonio dos Santos Silva, ficando hospedados no Instituto Teologico Israelita. Foram recebidos na Aliança de Abraham recebendo respectivamente os nomes de Salomão e de Elias, sendo mohel o Rev. Jacob Shebabo, assistido medicamente pelo dr. Costa Lima.

Em Argozêlo (Bragança) ficou constituída a Junta judaica daquela povoação, formada pelos seguintes srs.:

Presidente, Joaquim Rodrigues Teles; secretario, Romualdo Mateus Rodrigues Cepeda; vogal, Antonio Joaquim Luiz Afonso.

O secretario e vogal são grandes proprietarios e negociantes.

No Porto, no fim da primeira quinzena de Outubro, foi recebido na Aliança de Abraham o estudante Paulo Pereira Silva Ranito, de 14 anos, natural do Porto, de pais covilhanenses.

Errata—No «Ha-Lapid» n.º 43 davamos a noticia de que tinha sido recebido na Aliança de Abraham «Edmundo da Silva Pereira, natural de Argozêlo (Bragança) de 12 anos; recebeu o nome de Emanuel». Por erro do tipografo saiu errada a noticia, que corrigida é da seguinte forma:

—Edmundo da Silva Pereira, natural de Pinhel, de 13 anos, recebeu o nome de Isakar. Manuel Joaquim Teles. de Argozêlo (Bragança) de 12 anos; recebeu o nome de Ewmanuel.

Visado pela Comissão de Censura

## VIDA COMUNAL

### PORTO

Com brilho decorreu a festividade de Hanakah (A festa dos Macabeus) achando-se a Sinagoga repleta de judeus professos e de maranos.

No segundo dia o Dr. Leo de Almeida fez uma conferencia sobre a acção heroica dos Macabeus, historiando os factos mais notaveis da vida judaica desde o regresso do cativo de Babilonia até á eclosão do movimento redentor dos principes da casa dos Hasmonai.

Foi muito aplaudido e felicitado.

No final foi no refeitório da Yeshibah (Instituto Teologico) servido um chá pelas damas da Comunidade.

Os Talmidim ornamentaram as dependencias da Yeshiban, vendo se sobre a tebah do Beth-Hamidrash as bandeiras nacional portuguesa e a sionista.

### PONTA DELGADA (Açores)

Realizou-se a 23 de Setembro ultimo o casamento do sr. Michel Bendaian com a sr.ª D. Luz Delmar. O casamento teve lugar em casa do pai da noiva, sendo a cerimonia realisada pelo sr. Nessim Dhayon que veio expressamente de Lisboa para tal fim.

A assistencia foi selecta. O copo de agua de 1.ª qualidade. Aos noivos foram oferecidas muitas prendas de grande valor.

Os noivos ficam residindo nesta cidade.

—O sr. Salomão Delmar encontra-se muito melhor dos seus incomodos de saude.

—A pequena colonia aqui residente está fazendo altas diligencias para que venhá aqui fixar residencia o sr. Nessim Dhayon, afim de termos Hazan e Shohet

—A festa de Hanuka será aqui festejada com um baile no ultimo dia.

• • •

### Novas publicações

The Religion of the Maranos by Dr Cecil Roth—Belo trabalho sobre o cripto-judaismo estudando com proficiencia as praticas e a mentalidade religiosas dos maranos desde o seculo VXi até a actualidade.

E' um livro indispensavel em todas as bibliotecas onde haja uma secção sobre o cripto-judaismo lusitano.

Na vigila da Batajha por Isaias Raffalovich, gran-Rabbino—Sermão para a vespera do dia de Kipur de 5692-1931. Bela e emotiva homilia destinada a purificar os costumes.

Recebemos alguns exemplares que distribuimos pelos meios maranos.



## La Litterature Hebraique Moderne

par A. Z. Aescoly, Phil. Dr. (Paris)

### AVANT-PROPOS

Il n'est pas facil d'aborder; devant un public étranger le sujet de la litterature hébraique. Ce thème n'a plus, actuellement, l'air aussi irréal qu'il y a quelques années, mais la connaissance de cette littérature dans le public étranger ne s'est pas accrue. Tenant compte de l'étrangeté du sujet, il devient encore plus difficile de le traiter dans une seule conférence, sinon d'une façon très sommaire. Cherchant à être précis, il me fraudait ne transmettre que le vraiment essentiel. Cela même, je ne saurai pas le faire trop brièvement, puisqu'il me faut y entrelacer l'historique du mouvement intellectuel, afin d'exposer d'une façon précise le développement littéraire.

Je crois devoir encore envoyer ces quelques notes préliminaires:

Il y a toujours eu, a côté des écrits théologiques de toute sorte, une littérature laïque en hébreu. Naturellement la désignation laïque doit être pris dans un sens relatif de ce mot, puisque, durant le moyen-âge toute littérature portait forcément l'empreinte de la théologie. C'était surtout le cas de la littérature scientifique qui partait toujours de la base biblique. Quant à la littérature hébraique, elle avançait avec le progrès de la civilisation, représentant quelque fois l'avante-garde, tantôt en philosophie, tantôt en mathématiques ou en philologie.

Les belles lettres n'cut pas été oubliées.

Pour ne pas parler d'une poésie influencée souvent par des motifs religieux, comme celle du prince de la poésie hébraique médiévale. *Jéhouda Hallévi* mention nons le poète anacréonien *Emmanuel le Romain*, contemporain et ami du *Dante*, le poète satirique *Salomon Al-Harizi* et son épigone *Joseph ibn-Zabara*, les poésies bacchiques d'un *Moise ibn-Ezra*, etc...

Il serait vain de nier certains influences étrangères contemporaines sur ces poètes, que leur grandeur en fut diminuée pour cela. Le développement continuait. C'est son état actuel et la formation de cet état qui vous interresseront dans la suit, surtout relativement au développement littéraire universel.

### I

Les historiens ont tendance à placer les débuts de la littérature hébraique moderne, dans le sens large de ce mot, avec les oeuvres de l'italien *Moise Haim Luzatto*, un des derniers éclectiques de cetta littérature. Celui-ci était plutôt un auteur religieux, un cabbaliste, mais en même temps un penseur révolté qui souffrit beaucoup de l'étroitesse d'esprit des rabbins de son temps, un bon poète, auteur de pièces allégoriques et d'un drame des passions.

On a d'autre part tendance à faire coïncider les débuts des temps nouveaux dans la littérature hébraique avec ceux des autres littératures européennes. Certes, on prend la littérature romantique como point de départ, alors: *Karanzine* en Russie, *Goethe* en Allemagne, *Mickiewicz* en Pologne, Ceci me semble un peu hasardeux, puisque la littérature française moderne commence avec Molière et Racine et la littérature anglaise avec Shakespeare, plutôt, qu'avec Musset ou avec Byron et Shelley.

Il me semble plus juste de commencer la littérature hébraique moderne avec des auteurs un peu tardifs, mais qui sont devenus des classiques de cette littérature, ayant fourni ses bases, telle qu'elle se présente à nous conçue dans l'esprit d'une littérature européenne: avec *Bialik* pour la poésie, *Mendélé Mohèr Sepharim* pour la prose et *Ahad-ha-Am* pour la publicistique; tous les trois au crépuscule du XIX<sup>e</sup> siècle.

(Continúa)